

ROBERTO POMPEU DE TOLEDO

LEDA

Relato romanesco
em 13 capítulos e epílogo,
contendo uma versão condensada de
A Busca Vã da Imperfeição



Chapéu... Sim, havia um chapéu, de fino feltro negro, elegante chapéu de proteger da friagem e do sol mas também de impor respeito, e os olhares em volta eram de admiração e reverência, quando não enamorados e suspirosos, ou... não, não tão elegante, na verdade um chapéu pobre e roto, chapéu-coco à Carlitos, divertido, com que se brincava e ria, pondo e tirando, pondo e tirando, mas... eis que da última vez que pousa na cabeça ele começa a apertar, assim machuca, assim não é bom, tenta-se tirá-lo, e agora ele não sai... tenta-se de novo, puxa-se daqui e dali, experimenta-se um golpe mais forte, um arranco súbito, um tranco... nada, não sai, grudou como cola, está firme como cal no muro, fixo como o pescoço do outro lado da cabeça, e o pior é que aperta e comprime, não é mais objeto de diversão e de prazeres, é instrumento de flagelo, tanto mais impiedoso quanto, num puxão mais forte, desesperada tentativa de fazê-lo ceder, ouve-se um rangido, como de porta mal azeitada, mas não é porta, é o rangido da pele que começa a rasgar, a pele querendo vir junto, o horror entre todos horroroso de um escalpo, o perigo de um destampamento, do desgarre de um cocoruto mais apegado ao chapéu que ao resto da cabeça, e a ameaça medonha de ficarem os miolos a descoberto. Horror, horror.... Acordou. Sobressalto, suor, coração batendo forte. Aos poucos foi voltando a si. Alívio.

Era a primeira noite de Adolfo Lemoleme na Casa dos Quatro Ventos, e sem dúvida o cansaço da viagem, mais a estranheza

de dormir num lugar diferente, contribuíram para o sonho mau. Ele olhou em volta, procurando na penumbra certificar-se da posição que ocupava em relação ao espaço pouco familiar do quarto em que se hospedava. Foi quando... De novo o ruído de um rangido de porta — mas desta vez era a porta mesmo, que se movia lentamente. Que está acontecendo comigo? Que está acontecendo neste lugar? A claridade que vinha do corredor era pouca, mas suficiente para discernir um vulto de homem, “Ber...”, balbuciou Lemoleme, mas não teve tempo de completar a palavra. A porta se fechou.

Que horas seriam? Três? Quatro? Lemoleme não quis acender a luz para conferir no relógio. A claridade espantaria de vez o sono, e sua intenção era dormir de novo, por mais que a dose dupla de sonho mau seguido de um vulto na porta prenunciasse um resto de noite inevitavelmente indormido, dali para a frente. Deu sede e ele, tateando, procurou a garrafa de água na mesa-de-cabeceira. Tentou sossegar. Pensou no sonho. Pensou no rangido da porta e no vulto. Será que o vulto na porta também não passara de um sonho? Tinha certeza que não. Ou melhor: não estava em condições de ter certeza de nada. Esticou o braço, apanhou o copo e tomou novo gole de água. Se não foi sonho, do que quase tinha certeza, então alguém invadira seu quarto? Talvez fosse engano. Esta casa tem vários quartos. Alguém errara de porta. Mas quem? Havia três pessoas na casa, ele, Veridiana Bellini e dona Gina. Ele era o único homem, e o vulto era de homem. Também não podia ser o caseiro, que habitava uma construção anexa. O caseiro era pequeno, e o vulto era alto, de ombros largos. Ombros largos como... como... “Ber...?”

Já havia quase uma década que Adolfo Lemoleme, professor de literatura na Universidade de Luzia B, estava envolvido em empreitada de hercúleas proporções: escrever a biografia do escritor Bernardo Dopolobo, o grande nome de seu tempo, aclamado pela

crítica e querido pelo público, autor de obra extensa e original. Lemoleme mergulhou de cabeça naquele que elegera o trabalho de sua vida. Não era apenas questão de produzir a biografia definitiva do grande escritor. Não demorou para vislumbrar que tinha nas mãos a oportunidade de produzir a mais abrangente e profunda biografia já feita no idioma, em qualquer tempo. Seu biografado era mais do que talhado para o desafio, com sua vida de viagens e amores sortidos, momentos de glória e de infortúnios, e sua obra traduzida em múltiplas línguas, multiforme nos temas e nos gêneros e uniforme na qualidade. Um primeiro volume já fora publicado, grosso, substancioso, e ele agora trabalhava no segundo. Quando saiu o primeiro, o próprio Bernardo Dopolobo espantou-se. “Como você ficou sabendo disso tudo?”

Havia no livro muito, muito mais do que o material cedido, em entrevistas e documentos, pelo próprio biografado. Lemoleme revelara-se um prodigioso escarafunchador da trajetória do biografado. Num trabalho miúdo e paciente, pusera-se ao encalço de virtualmente todas as pessoas que, envolvidas com ele de uma forma ou de outra, nas várias fases de sua vida, teriam testemunhos a oferecer. Se descobria que este ou aquele já morrera, procurava o cônjuge ou os filhos. Talvez guardassem algum documento, alguma carta, um fiapo de lembrança conservada na tradição oral da família. Refez as viagens do biografado, com o cuidado de levá-las a cabo na mesma estação do ano, sempre que possível usando os mesmos meios de transporte, e recorrendo às mesmas hospedarias. Fincou-se no propósito de não deixar escapar nada que fosse relevante, e desde logo foi tomado pela convicção de que tudo era relevante.

Maldormido, com uma feição que, no espelho, lhe pareceu ainda sob o efeito dos horrores do sonho, Lemoleme dirigiu-se à cozinha. Abriu a geladeira, apanhou o jarro de suco de laranja. Seis horas. A Casa dos Quatro Ventos situava-se na montanha, em

lugar isolado. Era cercada de florestas e desfrutava do privilégio de ter vista para um lago de águas translúcidas, no qual nadavam patos, cisnes e marrecos. Bernardo Dopolobo escolhera o local para seu refúgio, nestes últimos anos. Lemoleme ali já estivera fazia um par de anos, e fazia tempo manifestara o desejo de voltar. Precisava conhecê-la bem. Queria familiarizar-se com o ambiente em que o biografado se isolava nas fases em que o trabalho exigia rigorosa concentração e dedicação exclusiva. Lemoleme sorvia o suco de laranja enquanto olhava, na parede oposta à geladeira, um cartaz anunciando *A Prometida do Tornado*, peça de teatro de Bernardo Dopolobo. O cartaz era ilustrado por uma cândida Jurema Melo, a quem coubera, nessa montagem, o papel principal. Um véu de noiva caía-lhe pelos ombros, o olhar perdia-se num distante horizonte. “Como ela era bonita”, pensou.

Bernardo Dopolobo, que nos últimos tempos já não demonstrava a atenção de antes para com o biógrafo, demorou para atender-lhe o pedido de voltar à Casa dos Quatro Ventos. Quando enfim assentiu, “Nos feriados da Independência, a casa estará à sua disposição”, informou ao mesmo tempo que ele próprio não estaria presente. No entanto estaria Veridiana Bellini, “e desse jeito pode ser mais proveitoso ainda para você”. Veridiana era a mulher, muitos anos mais jovem, de Bernardo Dopolobo. “Você terá oportunidade de conversar com ela à vontade.” O biógrafo gostou de saber que ela iria. Veridiana tinha cabelos lisos e negros que lhe chegavam aos ombros, olhos verdes, mancava de uma perna e, com ele, nas poucas vezes em que se encontraram, mostrara-se esquiva. Lemoleme nunca conseguira arrancar dela o depoimento que desejava, e que julgava essencial, para a biografia. Uns dias de convivência no campo poderiam ajudar a quebrar o gelo. Também iria a mãe de Veridiana, dona Gina.

Lemoleme saiu ao jardim, pôs-se a escutar o canto dos pássaros e deixou-se extasiar pelo sol que a cada minuto ganhava terreno

sobre o lago, as montanhas, as árvores, os caminhos ao longe. O dia amanhecia bonito demais para continuar a deixar-se assustar com os sonhos e os vultos da madrugada. Ainda assim, ao cruzar com o caseiro, perguntou: “Chegou alguém aqui ontem à noite, seu João Horácio?” O caseiro atrelava a carruagem, um legítimo fiacre do segundo quarto do século XIX, extravagância que Bernardo Dopolobo adquirira de um antiquário belga, fizera transportar a grandes penas e cultivava, segundo dizia, “em homenagem a madame Bovary”. “Que eu saiba ninguém, não senhor”, respondeu João Horácio. “Nem o patrão?”, insistiu Lemoleme, passando os dedos sobre a moldura esmaltada da porta do veículo e admirando seu bom estado. “Está uma beleza, não está?”, perguntou o caseiro, com o ar orgulhoso de quem devotava o melhor de seus cuidados àquele xodó do patrão, causa de tanto assombro na vizinhança. “Nem Bernardo esteve aqui?”, perguntou de novo Lemoleme. “Não senhor”, respondeu o caseiro, agora puxando o cavalo, um combalido rocinante, sem dúvida indigno do magnífico veículo, emprestado de um sítio vizinho quando era o caso de pôr o fiacre em atividade. “Dona Veridiana quer dar um passeio em volta do lago esta manhã”, informou. “Por isso, fui buscar o cavalo.”

Quando Lemoleme voltou à casa encontrou, ao entrar pela porta da cozinha, uma panela no fogo, fervendo a água do café, e dona Gina ao telefone. “Atenção para o ponto da massa”, ela dizia. “Isso é o principal.” Ao deparar com Lemoleme, apontou para o fogão e fez-lhe sinal para apagar o fogo. Depois continuou: “Você foi ao mercado? Quanto comprou de salmão? Tudo isso!? É muito. Um desperdício. Ponha metade para congelar. Ah, os patos sim precisam ser desossados e desfiados. Não, carneiro não. Da última vez, você se lembra? Não confio mais. Sim, filé mignon, vitela... Não, de maneira alguma. Tente páprica. Então está bem, Palmério. Voltamos a falar na hora do almoço. Quero saber como andarás o movimento. E, a qualquer momento, você sabe onde me encontrar.”

Dona Gina Bellini afastava-se, mas jamais se desligava de seu concorrido restaurante. “Não adianta”, disse a Lemoleme, ao desligar o telefone. “Se a gente não fica em cima...” E depois: “Bom dia, professor. Dormiu bem?” “Sempre ouvi dizer que o segredo dos bons restaurantes é a vigilância do dono”, disse Lemoleme. “Não se pode relaxar um minuto”, concordou a respeitada “dama dos risotos”, ou “imperatriz dos raviólis”, para citar alguns dos títulos que fizera por merecer nas colunas de gastronomia. “A senhora pelo menos tem a ajuda de Veridiana.” “Sim, ela me ajuda”, disse dona Gina, “mas dorme, não vê? Dorme até tarde.” Veridiana ainda dormia. “Quem dorme não cuida dessa parte das compras. Mesmo se ela pudesse se dedicar de tempo integral ao restaurante, esta parte não faria. Ah, não faria. Pois se ela dorme até tarde...”

Dona Gina era tão expansiva quanto a filha era contida. Falava a Lemoleme como se se tratasse de amizade da vida inteira, e não alguém com quem até então não tivera senão escassos e breves encontros anteriores. Na noite da véspera, haviam mantido uma conversa mais prolongada, quando, terminado o jantar, se deixaram ficar à mesa. Veridiana pedira licença para se recolher. Dona Gina, a instâncias do interlocutor, se pusera a repassar os pontos mais marcantes de sua vida, inclusive o baque sofrido com a morte do marido, quando a filha era ainda pequena, e da necessidade de então assumir o restaurante, o negócio inteiro, e não só a cozinha, como até então, ela que nem assinar um cheque sabia, e de como se saíra bem do desafio, conduzindo o estabelecimento, “sem desrespeito a meu defunto marido,” que certamente disso teria muito orgulho, a alturas antes desconhecidas. Para tanto, em sua opinião, valera-lhe o temperamento, “falo com os clientes, faço amizades, o freqüentador de um restaurante gosta de ser reconhecido e chamado pelo nome, meu marido não fazia isso, confinava-se ao caixa, era o jeito dele”. Também discorrera sobre a luta que fora criar a filha sozinha, ainda mais uma criança com problema físico, no

que tivera igual sucesso, a ponto de a filha se ter formado entre as melhores da turma, “nem preciso dizer mais, você sabe que jóia de inteligência e capacidade ela é”. Dona Gina brincava com a colherzinha do café, mergulhando-a na xícara como se ainda houvesse algo ali dentro. “Médica”, disse. “Nunca imaginei ter uma filha médica. Tenho muito orgulho.”

Ela se preocupava quando a filha começou a sair com Bernardo Dopolobo. “A diferença de idade, sabe... Você não se preocuparia?” Lemoleme disse que não. “Pelo contrário, me sentiria honrado.” “Claro, para você ele é como um deus, não é? Do contrário, não escreveria um livro tão grosso sobre ele.” Lemoleme respondeu que muita gente já escreveu livros grossos sobre pessoas de que não gostavam, como fanáticos religiosos, cientistas loucos, infames tiranos. “Desculpe, sou ignorante, ainda não li seu livro”, disse dona Gina. “Nem sei se o lerei — um livro daquele tamanho! Não sou como minha filha. Ela lê muito desde pequena. Também não li todos os livros de Bernardo. Não tinha lido nada, antes de começar o namoro com Veridiana. Então fiz um esforço. Não li tudo, mas o que li foi suficiente para perceber que grande escritor que ele é. A vida, ai a vida! Nunca imaginei, minha filha com um homem tão importante e tão famoso.”

Agora, na mesa do café da manhã, dona Gina contemplava o cartaz de *A Prometida do Tornado* e perguntava a Lemoleme: “Esta é a história do casal que se tranca no quarto e vê um balão na janela, não é?” “Não, isso é *Sexo É para Desocupados*”, corrigiu Lemoleme. “Que história é esta então?” Lemoleme resumiu-lhe a trama da peça, de tanto sucesso que nunca deixou de ser encenada, em diferentes lugares e por diferentes companhias, tantos anos depois da estréia. “É a história da festa de casamento armada ao ar livre, num país distante, em que os convidados seriam recebidos em tendas armadas sobre grossas estacas.” “Já sei. É a história da noiva que some pelos ares”, antecipou-se dona Gina. “A senhora já

viu a peça?” “Não, mas Veridiana já me contou. Muito triste, muito angustiante.”

O dia era radioso, ideal como poucos para um casamento ao ar livre, e assim foi durante as primeiras horas, em que as famílias, os noivos e os convidados festejaram com a característica simplicidade de seu povo, brindaram do jeito entusiástico que se brindava entre eles, e dançaram as danças alegres da região. De repente, nuvens negras despontaram no horizonte, o ar tornou-se pesado, e em questão de minutos, sem dar tempo para fugir, um funil de ventos alucinados formou-se sobre a área. Os descontrolados elementos abateram-se tão sem dó sobre aquela singela celebração que não só arrancaram do lugar as mesas e cadeiras, não só esfaçalharam os pratos e os copos, nem se contentaram em obrigar as pessoas a deitar no chão e agarrarem-se umas às outras, como também arrancaram do solo as grossas estacas que sustentavam a barraca sob a qual se armara o banquete, e com tal vigor que, ao ser devolvidas à terra, elas vinham como mísseis, que abriam no solo profundas crateras. Mas o pior, como adiantou dona Gina, é que também a noiva foi sugada para o alto, levada pelos ventos ensandecidos, como se tirada para dançar pelo misterioso invasor de sua festa de casamento, o alvo vestido tragado pela fúria dos alucinados rodopios e, ao contrário das estacas, levada para não mais voltar, para desolação dos convidados, infelicidade da família, desespero do noivo e assombro geral. O tornado se adiantara ao noivo, na corrida para possuí-la. Aquele país nunca mais foi o mesmo.

“Eu vejo nessa história uma espécie de castigo contra esse país”, disse dona Gina, entre um gole e outro de café com leite. “Eles devem ter cometido algum pecado.” “É uma interpretação possível”, disse Lemoleme, enquanto passava manteiga no pão. Na peça de Bernardo Dopolobo, aquele país, tomado agora de medo e insegurança, passa a viver inteiro em função e na crença de uma

espera — a espera da volta da noiva. Ela, a pura e imaculada noivinha, lhes fora arrancada pelos deuses das tempestades — assim pensavam, e até edificaram uma religião sobre essa crença. Só seu retorno lhes devolveria a paz e a harmonia. “Há também quem veja semelhança com uma lenda portuguesa do sumiço de um rei”, disse Lemoleme. “Lá vem ela”, cortou alegremente dona Gina, ao ouvir passos que se aproximavam. “Acordou finalmente, a dorminhoca.”

Lemoleme foi tomado da sensação — devia ser o cansaço, ou então a sugestão de noivas que voavam — de que dona Gina levitava, quando ela se levantou e foi ao encontro da filha. A cada passo, ela parecia descolar do chão, e avançar perigosamente em direção do teto rebaixado da cozinha. “Que você vai querer, filha? Iogurte ou café com leite? Quer que eu esquente o pão? Uma fruta antes? Aquele queijo que compramos na estrada?” “Calma, mãe, mal acordei”, disse a filha, num tom ríspido. Veridiana, que tinha uma perna mais curta que a outra, fincava pesadamente os pés no chão. Se a mãe levitava, ela, ao contrário, ancorava-se firme no chão. “Não repare”, disse dona Gina a Lemoleme, “desde pequena, ela acorda de mau humor”. “E quem disse que estou de mau humor”, disse Veridiana, sentando-se à mesa.

Ela disse bom-dia a Lemoleme e afastou o olhar. Não se sentia à vontade com ele. Ainda mais que era um biógrafo que nunca relaxava dessa condição, um biógrafo de tempo integral, sempre querendo saber coisas de Bernardo. Ela temia ser indiscreta e punha-se em guarda. A prevenção aumentara depois que, na esteira do sucesso do primeiro volume da biografia, ela identificava nele uma crescente e irritante confiança em si mesmo. Antes era mais humilde. Lemoleme encarou-a como quem queria saber alguma coisa. “Pronto”, pensou ela, “lá vem ele com suas perguntas...” “Veridiana”, disse ele, “Bernardo está em casa?” “O quê!”, espanhou-se ela. “Claro que não.” “Engraçado”, retomou Lemoleme,

“ouvi uns passos no corredor, esta noite. Pensei que fosse ele.” “Ele está longe, você sabe”, disse ela. “Até imaginei tê-lo visto entrar no meu quarto.” “Você disse bem: imaginou.” “E ninguém mais esteve na casa, durante a noite?” “Ora, claro que não.” “Talvez tenha sido sonho”, disse Lemoleme. “Sem dúvida, você sonhou.”